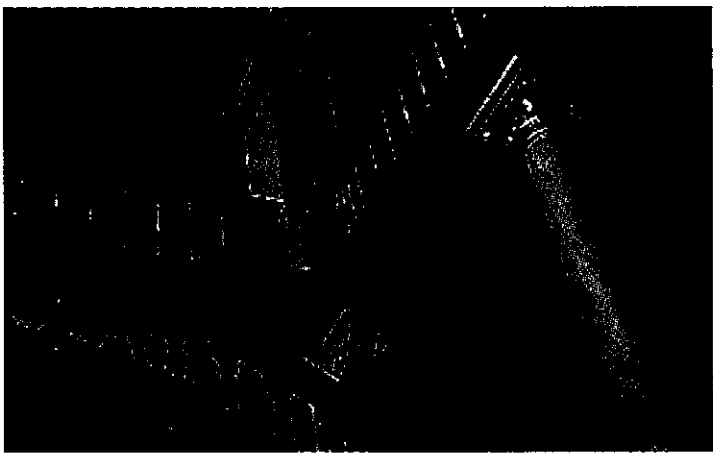




Por aquele rio acima...

foto Isto É/JR



No velho "Mini" do meu pai percorria, diariamente, a estrada esburacada que bordejava o rio até Melres. Do outro lado de lá a Rosa esperava-me. Mal me via, ligava o motor do barco (ou pegava nos remos, era conforme...) e vinha-me buscar. Não me lembro de que conversávamos, enquanto o caíque cortava o Douro até à outra margem, talvez do tempo, dos miúdos, de coisas do presente e do passado... talvez. Era, todavia, um momento de aprendizagem, em que ouvia falar de robalos, da lampreia cada vez mais rara ou dos sáveis desaparecidos. O rio ia-se tornando cada vez mais familiar, quer porque o sentia, lhe aprendia o feitio e os caminhos, quer porque a Rosa também me ensinava a compreendê-lo.

Com um até logo, costumava começar a subir o monte até à casa térrea, branca e pequena que era o edifício da Escola de Areja, onde sete crianças todos os dias me esperavam. Ou começaram por esperar, porque à medida que os dias passavam tinha sempre algumas delas a acompanhar-me naquela subida íngreme.

O Tempo! Aprender a gerir o tempo e o crescimento dos projectos, das coisas e das pessoas é algo que, hoje, olhando retrospectivamente para esse passado, fui começando a conhecer nesse ano. À medida que ia aprendendo a reconhecer os torvelinhos do Douro, fui aprendendo, também, a limpar os platinados do "Mini" que a água dos buracos na estrada humedecida, fui aprendendo a vida, os vocábulos, o olhar dos meus alunos e o pulsar da aldeia. Também pude sentir o carinho, a atenção, o amor da minha mãe e do Rui que passavam a vida a telefonar para casa nos dias tempestuosos de Inverno, preocupados com a desproporção entre a chuva, a força do rio, as cheias e o pequeno caíque...

Tudo se foi transformando lenta e seguramente, sobretudo porque era necessário devolver àquela gente amiga a importância dos seus saberes, partilhando-os com outros e fazendo dessa partilha um momento de aprendizagem. Foi assim que começou a correspondência escolar com uma classe da escola onde tinha leccionado no ano anterior: a Escola do Bairro do Aleixo. Era, também, uma forma de perpetuar os vínculos com um espaço que eu amara e onde não pudera continuar, por força dos constrangimentos burocráticos que marcavam e marcam, ainda, a administração e a gestão do nosso sistema educativo.

E tudo começou quando foi necessário descobrir o passado e o presente das minas do Pejão. Os pais desenterraram dos baús as velhas lâmpadas de querosene; alguém arranhou um capacete de mineiro; procuraram-se as mais bonitas amostras de antracite; fomos obrigados a aprender os rituais das minas, os esquemas de perfuração e o sofrimento obscuro das galerias. Nenhuma dessas crianças escreveria este texto, mas estou segura que o compreenderia na sua essência, apesar das suas palavras e do seu ritmo estranho. Consegui-lo-iam porque desenharam, entrevistaram, escreveram e, talvez pela primeira vez, falaram com os pais e os avós explicitamente sobre isso. Mais, pela primeira vez, esse foi um trabalho da escola. De repente, para os mais velhos gerou-se essa sensação perturbadora de verem os seus filhos e netos a interessar-se por si e já não pelos reis de Portugal, cuja existência não seria realmente um facto assim tão importante para as suas vidas. Bem lá no âmag

das suas almas doridas, aquele era, com certeza, um momento compensador.

E depois vieram as coisas dos meninos do Aleixo. Cartas, desenhos, um outro mundo e uma outra realidade. Torres de 13 andares?! É possível, senhora professora? Uma escola com um campo de futebol, balizas e tudo!! Até têm uma sala para pintar e trabalhar com barro. E novamente tiveram de voltar a aprender quando as perguntas sobre as vidas das minas saltavam em catadupas das cartas. As fotografias das coisas que eles tinham enviado viam-se num painel de uma sala de aula. O funcionamento das lâmpadas de querosene parecia um autêntico mistério para os colegas do Porto. Numa das cartas descobriram também que havia uma menina que não gostava de viver nas torres e outras crianças invejavam-lhes o espaço aberto e verde onde podiam correr e brincar. Por fim, descobriram algo interessante: eram eles os primeiros a ver a mesma água do Douro que os do Aleixo só viam passado para aí uma hora. Afinal isso também se aprendeu e o rio unia-os.

Uma manhã perguntei-lhes se não gostariam de conhecer os colegas do Bairro do Aleixo. Entre o brevíssimo silêncio inicial e a balbúrdia imediata distou o tempo necessário para perceber que aquele era um projecto em que valia a pena apostar. E tecêmo-lo, eu, os miúdos, os pais e a gente de Areja. Atravessámos o Douro e encavalitados no "Mini" partimos rumo a um desses dias inesquecíveis onde pela primeira vez alguns compreenderam o que era um semáforo, outros viram um "trolley-carro" e todos aprenderam e viveram coisas que só a cada um diz respeito mesmo que não tivéssemos consciência plena de que vivíamos momentos assim.

Na Escola do Aleixo viram as tais torres, experimentaram o campo de futebol, sujaram as mãos no barro mas, principalmente, conheceram os rostos daqueles que até essa momento apenas tinham tido os nomes nas cartas e embrulhos. Fizemos um piquenique, brincámos uns com os outros e principalmente vimos as barreiras e pouco e pouco permitirem algumas entreabertas. Depois fomos até à Foz, essa foz tão longínqua e ali tão perto... e o mar. Só dois alunos já tinham visto o mar e só o mar valia esta narrativa. De repente, contudo, aconteceu um desses momentos raros, o momento que justifica este texto, o momento em que a Luísa sentindo a areia nas mãos me diz: "Senhora professora, é tal e qual como nos ensinou... que bonitas são as salinas!".

O que se passou depois, mais tarde, tornou-se pouco relevante apesar da sua importância. Os meninos do Aleixo fizeram uma excursão até Areja. Conheceram a escola, a aldeia, as pessoas e as minas. Jogaram futebol num campo de erva que os pais segaram para os receber, um autêntico campo de futebol com balizas ali colocadas pelas pessoas e que, segundo a opinião de todos, era o melhor que tinham visto até ali. No fim banharam-se no rio, mas nada foi igual àquele momento na praia. Hoje, quando penso na professora que sou e no projecto profissional que vou concretizando, sei, sei claramente que sou como um rio onde episódios como este desaguam e contribuem também para explicar aquilo que eu sou.

Ariana Cosme